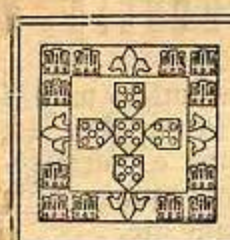
DEPOSITO LEGAL
196 JUN 1

JORNAL DA MOCIDADE



1961
OUTUBRO
ANO V
N.º 20

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS

ARAUTO

EDITOR	REDACTORES	ADMINISTRADOR	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Dr. Tomás da Rosa	José Aica - António Soares	M. J. Paiva Lima	*Liceu Nacional da Horta*

CELEBRIDADE

A Celebridade é um ideal atingido só por «aqueles que se vão da lei da morte libertando».

E' fama, é glória, que salva do esquecimento imerecido os grandes génios e as suas criações.

Só estes, apesar da nossa ânsia de imortalidade, conseguem «os aplausos do mundo e a celebridade da fama».

Tentando analisá-la e compreendê-la, poderemos dizer que é algo que flui da dignidade, da integridade e da operosidade da vida; algo que dimana mais do espírito que da animalidade.

Só serão célebres aqueles que se mostrarem capazes de uma acção superior, sendo o mundo atraído com respeito pelo brilho que essa acção irradia. São aqueles espíritos fortes, sempre apontados como exemplos, que jamais perecerão. Souberam vencer, vencendo-se. Não inverteram, como tantas vezes sucede, a hierarquia dos valores, respeitaram-na.

E o mundo, reconhecendo-os superiores presta-lhes a homenagem da admiração.

O homem, não sendo génio, pode, no entanto, num momento de excepcional e feliz inspiração, criar uma obra genial.

Assim acontece no campo literário, em que a glória de um autor depende não raro de uma obra reduzida, mas de grande valor artístico e profundo significado humano.

E' este valor humano que faz com que nos encontremos nós próprios na obra; e encontrando-nos a nós, poderemos dizer que encontramos a expressão de alguma coisa própria da humanidade.

Desta forma, não é pela vastidão da obra que se avalia a grandeza do autor. A celebridade merecida pode vir apenas de catorze versos, desde que sejam artisticamente cheios de humanidade.

E' o caso do mundialmente conhecido poeta e autor dramático francês, Arvers.

Este homem, que viveu no séc. XIX e escreveu comédias, seria hoje completamente desconhecido se

Conclui na pág. 2

Abertura das Aulas

Sob a presidência do Senhor Governador do Distrito e com a presença das autoridades civil e religiosa, foi iniciado o ano lectivo de 1961-1962. No Ginásio viam-se muitos encarregados de educação (não todos) e um grande número de alunos.

Depois de aberta a sessão pela mais alta individualidade do nosso distrito, o sr. dr. Freitas Pimentel, o sr. Reitor do Liceu, dr. Manuel Alexandre Madruga, fez proveitosas declarações dirigidas, na sua totalidade, a alunos e encarregados de educação.

Tudo o que foi dito pelo sr. Reitor, e como ele bem o salientou, são normas emanadas do Ministério da Educação Nacional e devem ser seguidas por todos, sem excepção. O que nos pede o Ministério, através do nosso Reitor, não é mais do que o completo e são desenvolvimento de uma Juventude, tanto moral como fisicamente.

A seguir, procedeu-se à distribuição de livros aos alunos mais classificados no ano transacto. Por fim, o sr. Dr. Freitas Pimentel encerrou a sessão.

No início do Ano 5.º

Com este número, o «Arauto» entra no seu 5.º Ano de publicação. Não tem sido fácil a vida do nosso Jornal através destes quatro anos de existência. Várias dificuldades têm surgido, as quais, com um pouco de boa vontade e o apoio dos nossos Colaboradores, Assinantes e Amigos, têm sempre sido resolvidas, permitindo-nos apresentar este periódico o mais regularmente possível.

Nos dois primeiros anos em que foi publicado, o «Arauto» saiu a lume quase todos os meses do tempo lectivo. Depois, por motivos estranhos ao Centro da M. P., que o edita, e à nossa Redacção, o Jornal passou a aparecer apenas uma vez por período. Este ano, porém, solucionados certos problemas relacionados com a impressão e a administração, cá estamos a apresentar o «Arauto», pelo menos, duas vezes em cada período do ano escolar.

Com o aumento de números anuais, esperamos poder publicar sempre artigos de alunos dos anos mais atrasados, a par de outros dos alunos dos anos mais adiantados, para que o Jornal que é vosso, Estudantes liceais, possa interessar a todos. Cá conta-

Conclui na pág. 9

Incompreensões

Com a abertura das aulas, o «Arauto» inicia mais um ano de publicação, de luta e, quantas vezes, de incompreensão, e é sobre este ponto que queremos insistir.

Nem todos compreendem o Jornal do Centro, embora todos o desejem. Na realidade, para muitos dos Estudantes que andam por este liceu, o jornal é apenas, e *sòmente*, a última página. E' pena verificar que assim seja, pois isso só denota o fraco gosto cultural de muitos rapazes e raparigas (ainda bem que não são todos) do nosso primeiro estabelecimento de ensino. E' claro que a última página não será suprimida, nem nisso pensamos, mas é desconsolador ver que, artigos próprios para Estudantes, sejam esquecidos. Não ler um artigo, escrito com um certo

Conclui na pág. 9

A JUVENTUDE, A CIDADE E O CAMPO

A Natureza, sublime livro pronto a desvendar os seus segredos a quem dele se abeirar e mergulhar nas suas profundas e apaixonantes páginas, mestra sapiente que no seu seio alberga misteriosos segredos, mãe criadora e renovadora de todas as coisas, é aquela a quem a juventude irreflectida parece dedicar menos do seu tempo, é aquela por quem os jovens de hoje não se sentem atraídos apesar dos seus encantos, da sua expressão divina na sua incansável labuta, no vivificar e insuflar vigor aos seres.

A juventude de hoje passa indeferente perante os grandes mistérios que ininterruptamente se realizam à sua volta. Os excessivos atractivos da vida moderna torna-os insensíveis à radiosa beleza e majestade divina que se exala num remoçar contínuo da Natureza, num germinar e desenvolver de um ser, numa tarde amena em que os pássaros elevam as suas vozes num hino de louvor ao Criador por mais um dia de bençãos, mais um dia em que a Sua Omnipotência se revelou no despontar dum rebento, no desabrochar duma flor.

A volúptia desta vida materialista e passageira, penetrando assustadoramente nas sociedades, degrada-as e impede-as de contactarem com a sossegada e impassível Natureza. Os jovens amam o movimento que suscita paixões, a maior parte das vezes desordenadas, as invenções científicas que os impelem a idealizar uma vida nova num outro planeta, as guerras contínuas, originadas pelas ambições desmedidas dos homens, absorvem-nos. E assim passam horas junto da telefonia captando notícias alarmantes que os deleitam, num ambiente mórbido no qual formam a sua personalidade com bases no material e artificial. O cinema, um dos mais apreciados divertimentos da nossa época, fonte muitas vezes de vícios e de imoralidades, excita a sua curiosidade que se deixa embalar por quimeras apresentadas na tela, onde da vida por vezes só se vê o risonho e o fictício. E é desta juventude criada neste ambiente artificial, rodeada de conforto material, que se formarão os homens e mulheres de amanhã, os esposos a quem Deus impôs a responsabilidade de formarem e guiarem almas inocentes pelo caminho do Bem e da Virtude?

O mundo caminha vertiginosamente para um desfecho trágico e a culpa é nossa. Materializados como estamos, assistimos insensíveis aos maiores actos de amor divino, afastamo-nos cada vez mais da vida simples do campo para nos entregarmos ao bulício das cidades, onde tudo é a expressão da técnica humana, onde por toda a parte ouvimos exaltar um nome dum cientista que revolucionou o mundo com grandes descobertas, por vezes mortíferas. E quem men-

Conclui na pág. 8

CELEBRIDADE

Conclusão da pág. 1

um soneto famoso o não viesse imortalizar.

Arvers não seria um génio, mas num momento de dor, tocado por sentimentos verdadeiramente profundos criou uma pequena obra genial, um soneto, o famosíssimo soneto de Arvers.

Outro soneto que bastaria para imortalizar um autor é «A maior dor humana» de Camilo.

Teófilo Braga e Camilo não viviam talvez, em relações muito amistosas, mas sendo aquele atingido tão duramente pela morte dos seus dois filhos, Camilo sentiu aquela dor, foi humano e escreveu o célebre poema, que ofereceu a Teófilo Braga.

Outro exemplo poderá ser Camilo Pessanha, um dos maiores poetas portugueses, que se celebrizou por uma colectânea bastante pequena, a «Clépsida», que é um dos grandes monumentos da poesia portuguesa.

Na *Clépsida* «uma inspiração lancinante abre caminho numa forma musical poderosamente plástica».

Foi essa inspiração lancinante que, fazendo soltar ao autor preciosas confessionais, dando à obra um valor humano, lhe conquistou um lugar de relevo entre os nossos poetas.

Como vemos, é difícil alcançar a celebridade justa e, se bem que alguns o consigam bastante novos como Rimbaud, outros só os impõem numa idade avançada, como Cervantes.

Este novelista, dramaturgo e poeta espanhol, considerado um dos maiores do mundo e de todos os tempos, apresentou a obra que o tornou imortal em 1604, quando tinha 60 anos.

E «D. Quixote» é das obras-primas da literatura mundial, lido e apreciado por todas as pessoas, mesmo quando não possuam cultura muito desenvolvida.

A Celebridade literária, sinónimo de universalidade, adquire-se, pois sempre que uma obra penetra no tempo, e ultrapassa as fronteiras. Tal acontece não em consequência da extensão ou volume da produção de um autor, mas como imperativo da perfeição atingida e da transcendência da mensagem lançada ao mundo.

Lídia Goulart

7.º Ano

A saudade na literatura PORTUGUESA

Tem-se afirmado muitas vezes que Portugal é um país de poetas e poder-se-ia acrescentar que o é de poetas da saudade.

De facto, desde os cancioneiros medievais, até aos autores modernos, a saudade tem sido sempre uma das fontes de inspiração mais frequentes e mais fecundas de alguns dos versos mais belos e sinceros da nossa literatura.

Já o rei D. Duarte no «Leal Conselheiro» se refere a essa palavra que tem um sentido especial para nós, portugueses.

Assim verificamos que o português vivendo pela sua situação geográfica e por impulso da sua alma inquieta, sonhadora e heróica, uma das epopeias mais ricas de emoções que a História regista, levava sempre consigo a imagem saudosa do seu torrão natal.

Nas frágeis naus que foram a todo o mundo, sulcaram todos os mares e venceram todos os obstáculos, misturavam-se a alegria e a tristeza, o perigo e a valentia, o imprevisto e a satisfação das terras descobertas mas, acima de tudo, pairava a suave lembrança da pátria distante.

A História de Portugal é feita de grandes ausências. Quando os portugueses se encontravam a descobrir, a civilizar e a cristianizar em terras longínquas, sofriam a nostalgia da distância.

Assim estão reunidos na palavra saudade todos os sentimentos que a distância e a ausência despertam na alma.

Deste modo, os poetas, interpretando o sentido da alma lusiada e o que porventura possa haver de saudosista nas acções representativas da nossa História, compuseram alguns dos mais maravilhosos poemas da literatura universal.

Camões, na sua lírica, deixa transparecer duma

Conclui na pág. 4

A Excursão Pedagógica

às Ilhas das Flores e Corvo

Como constava do programa de actividades da M. P., realizou-se uma excursão às ilhas do grupo ocidental do Arquipélago dos Açores.

Depois de se ter como certa a viagem que os filiados da M. P. fariam às Flores e ao Corvo, todos os rapazes e raparigas, interessados na mesma, passaram a viver dias de verdadeira ansiedade e, quando chegou o dia, embarcaram no «Carvalho Araújo».

Estava-se em fins de Julho e já era quase noite quando o barco se fez ao mar. Caso digno de registo e muito apreciado por todas as pessoas, que o presenciaram, foi o nascer da Lua, no meio de uma paisagem maravilhosa: o mar calmo, o Pico, S. Jorge, o Faial e um céu sem nuvens. A primeira noite de bordo foi divertida, precisamente porque tivemos de a passar sem acomodação.

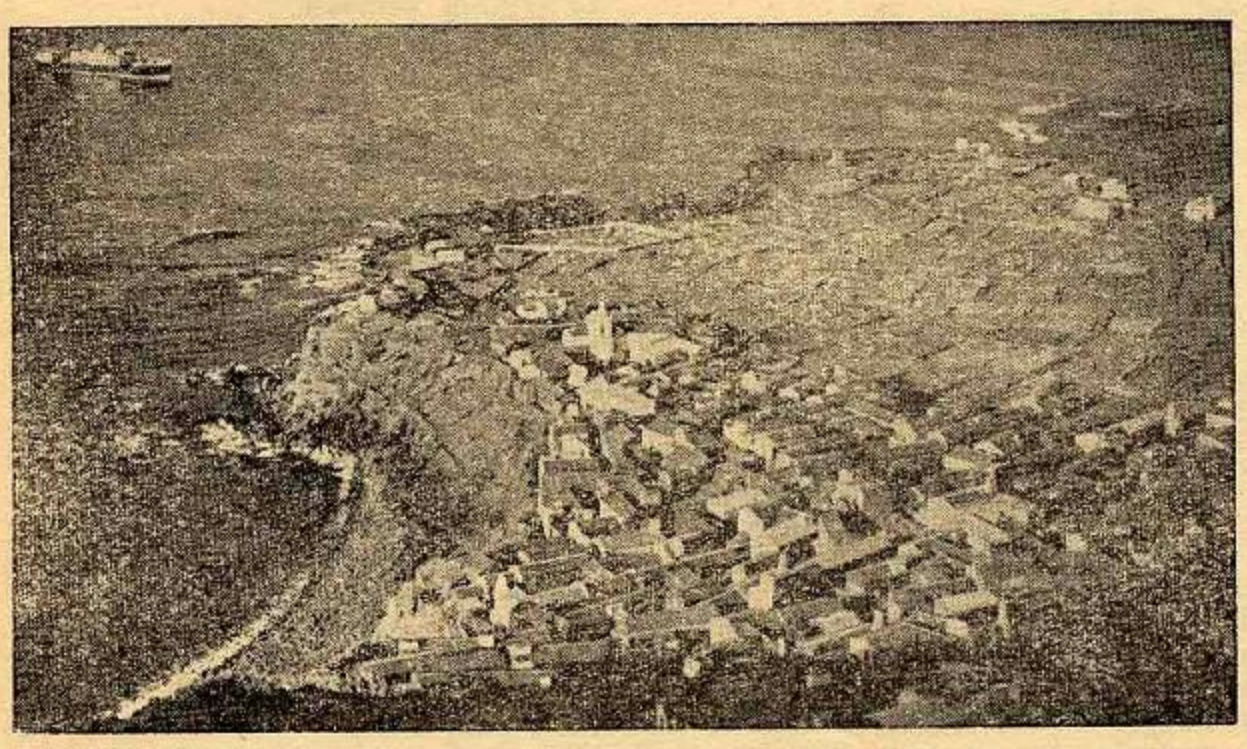
Mal avistámos aquelas duas lindas ilhas, o nosso coração sentiu algo de estranho, pois que, na realidade e dentro de poucas horas, teriamos oportunidade de ver aquilo a que alguém chamou a «Suiça Açoriana».

No Corvo nem todos desembarcaram, devido a dois factores: uma chuva teimosa e o estado agitado do mar; certamente, ter-se-ia gostado de apreciar a ilha mas, devido às razões já citadas, isso foi impossivel. Quis Deus que o tempo nas Flores estivesse muito bom e nós não só pudemos fazer um desembarque em boas condições, como também ver tudo o que nos interessava. Não temos palavras que possam narrar-lhes o magnifico conjunto de paisagens visto por todos os excursionistas. As lagoas, os vales e as hortênsias juntavam-se ali, naquelas paragens atlânticas, para louvarem o criador e fazer cair de joelhos os seres humanos. Ali não há a maravilha da técnica, há, sim, a beleza criada por Deus e essa é a verdadeira!

Durante o percurso e, quando a ocasião se proporcionava para tal, o Sr. Dr. José Lucas esclarecia os alunos com breves comentários.

A Igreja Matriz de Santa Cruz das Flores

Depois de termos dado o passeio pela bela ilha voltámos para bordo do «Carvalho Araújo» e empreendemos, com pesar, a viagem de regresso. Traziam todos, estampado no rosto, um misto de alegria e de tristeza. Alegria por terem visto uma rara beleza, tristeza porque deixavam as Flores.



Um aspecto da Vila do Corvo

O CINEMA

O cinema é, duma maneira geral, um eficaz e conhecido meio de educação intelectual. E digo de maneira geral porque nem todos os espectáculos cinematográficos contribuem para o aperfeiçoamento das qualidades morais, como devia ser, porque, se há sessões que educam e instruem, realizam-se também muitas que tem por único fim provocar a corrupção, principalmente entre os jovens, o que é de lamentar, numa altura destas em que todos os esforços se deviam concentrar em modificar a Juventude, actualmente tão corrompida, que dará os homens de amanhã.

Outro erro é também o mau regulamento verificado em muitos filmes: alguns espectáculos classificados para maiores de doze anos' são exibidos, tendo passagens que seriam próprias de um filme para dezassete anos, e vice-versa.

O cinema é também um passatempo mnito agradável; quantas vezes, não nos temos distraido com um bom filme, em vez de nos entregarmos a qualquer outro divertimento mais dispendioso e que porventura nos teria sido prejudicial.

Uma outra vantagem do cinema sobre quaisquer outros passatempos, é que, nestes últimos, podemo-nos entreter ou divertir, mas bem depressa esque-

Conclui na pág. 8

«Somos pela fé e pelo sacrifício contra a descrença e o comodismo materialista!»

Da «Agenda da M. P.»

DO NOSSO CENTRO

Novos Graduados

Por terem frequentado com aproveitamento o respectivo Curso da Escola Nacional de Graduados da M. P., foram promovidos ao posto de Comandante de Castelo os filiados do nosso Centro Ilídio Genuíno Andrade de la Cerda, Carlos Manuel de Castro Goulart e Manuel Mendonça Nunes. As classificações obtidas por estes filiados são de molde a honrarem a M. P. da Horta.

Reunião do Conselho de Centro

No dia 7 do corrente, esteve reunido o Conselho do Centro Escolar N.º 1, a fim de serem tratados vários assuntos relacionados com as actividades da M. P. no corrente ano. Foi elaborado um programa de trabalhos para o ano lectivo de 1961-62, o qual se encontra afixado na vitrina deste Centro.

Jornal de Parede

Dirigido por Manuel José Carrinho e Luís Manuel Arruda, o nosso Centro está a publicar um Jornal de Parede intitulado «Index».

Ficámos agradàvelmente impressionados com o conteúdo e apresentação do primeiro número.

Início das actividades da M. P.

No dia 14 de Outubro, segundo determinação do Programa para 1961-62, tiveram início as actividades da M. P. no nosso Centro, que este ano são frequentadas por 80 alunos do 1.º ciclo e por cerca de 90 do 2.º e 3.º Ciclo.

Dia de Portugal

Por não se ter publicado o «Arauto» nas férias, só agora fazemos uma referência breve à sessão de 10 de Junho. Embora sem grande solenidade, o Centro da M. P. e o Centro da M. P. F., esforçaram-se por realizar condignamente essa sessão, que a Reitoria promove.

Constou o programa de duas representações, vários números orfeónicos e entrega de insígnias aos Chefes de Quina.

FESTIVAL Desportivo

No dia 10 de Junho, p.p. realizou-se um Festival Desportivo organizado pela M. P.

Os resultados foram os seguintes:

Andebol

C. E. 1-10 — Misto local-10

Basquetebol

C. E. 1-28 — Misto local-32

Futebol

C. E. 1-2 — C.P. das Angústias-0

O produto das entradas, cerca de 400$00, foi entregue à Delegação Distrital da M. P. para ser remetido para Angola, em auxílio aos atingidos pelo terrorismo naquela nossa província de África.

A Cidade da Horta

A cidade da Horta é disposta em anfiteatro e tem um gracioso aspecto.

Ela lembra-nos um lindo presépio com suas casas multicolores e brilhantes paisagens, grandes jardins com flores lindíssimas.

As árvores dão-lhe um aspecto pitoresco e encantador.

Em frente à montanha do Pico, reflecte-se no canal nas noites de luar.

Nela admiramos grandes monumentos, como a Igreja do Carmo com o altar-mor em talha dourada, e a Igreja de S. Francisco que tem o tecto da capela-mor com painéis belíssimos sobre a vida de Jesus. Na igreja da Matriz podemos apreciar altares de talha dourada e trabalhos artísticos.

O «Amor da Pátria» apresenta ornatos de hortênsias nas paredes e colunas de mármore e interiormente tem um maravilhoso jardim de Inverno, e um salão.

E' no «Amor da Pátria» que se realizam algumas vezes festas muito alegres e «matinées» para meninos e meninas.

Enfim, a Horta encanta-nos o olhar, com a sua beleza natural e com os seus monumentos.

Redacção de

Maria Manuela Correia da Rosa
1.º Ano

A saudade na literatura portuguesa

Conclusão da pág. 2

maneira singular esse sentimento comum a todas as almas portuguesas. Não é só na lírica que Camões se revela saudosista, mas ainda n'«Os Lusíadas»:

Já a vista a pouco e pouco se desterra
D'aqueles pátrios montes que ficavam;
. . . . . .
Ficava-nos também na amada terra
O coração que as mágoas lá deixavam
. . . . . .

(Canto V, est. III).

Também foi definida por Garrett «saudade, gosto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinho».

Ainda ao tema da saudade podemos associar o tema do «Além-Mar» sobre o que fez um admirável estudo João Castro Osório.

E já no séc. XX, o saudosismo de Pascoais teve na literatura uma vasta reprodução influenciando uma pleiade de poetas notáveis, os poetas saudosistas de «A A'guia» entre os quais: Mário Bairão, Lopes Vieira, etc.

Pode-se dizer que quase não houve poeta de Portugal que a não sentisse e cantasse.

Passam épocas, surgem novas escolas literárias, mudam os temas, mas o poeta português continua a celebrar a saudade nos seus versos.

Luzia Amélia Serpa

ESPECTACULO

Os Alunos do 2.º Ano do Magistério Primário tencionam repetir o espectáculo, por eles apresentado no último ano lectivo.

A sessão, a realizar no próximo dia 1 de Dezembro, é oferecida aos Alunos e Professores do Liceu e aos Alunos do 1.º Ano daquela Escola.

ESTABELECIMENTOS

Francisco J. Campos, L.da

Apresentam a última novidade na Horta

CAMISAS TRICOT NYLON

T V

Agentes - Oficiais da

PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

MODAS
CALÇADO
LANIFÍCIOS
CAMISARIA
ALGODÕES

Larga da Matriz, 3 e 4

Tabacaria da Sorte

Livraria -- Papelaria

Tem todo o sortido

para um estudante

Fazendo os seus

fornecimentos nesta casa

poupa tempo e dinheiro

ZÜNDAPP
Falconette KS 50

Acaba de chegar a 4.ª remessa de Zündapp - Falconette com **4** velocidades

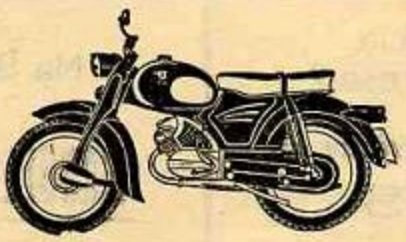
mudanças de pé

assento corrido

porta - bagagem cromado

arranque por pedal

(Kickstarter)



Agente nos Açores

Karl - Heinz Grötzner

TEL. 353

Jovens de hoje!
Homens de amanhã!

Confiai sempre nos serviços do

67 GARAGEM DUTRA FARIA

Estudante!

Encontrarás na

Livraria de "O Telégrafo"

todos os Artigos Liceais pelos mais baixos preços e de óptima qualidade

Também na Tipografia se poderão executar todos os modelos de cartões com rapidez e perfeição

VAI ABRIR BREVEMENTE
na Rua Conselheiro Medeiros
A
MERCEARIA FAVORITA
de
António Rodrigues Prazeres

Faça as suas compras nesta casa e pode ter a certeza de comprar melhor e mais barato.

Othon Lemos do Amaral
SUCESSOR DE:
Othon Amaral, Ltd.
Casa Fundada em 1884
HORTA - FAIAL - AÇORES
Telf. 139 — Caixa Postal 13

Armazém de Mercearias
Vendas por grosso e retalho
Entregas ao domicílio
Comissões & Consignações

Fábrica de Curtumes Hortense
Horta - Faial - Açores
Telefone 231 — Caixa Postal 13

Esmerado fabrico de Solas, Atanados, Vacas, Pelicas, Calfes, Carneiras, Capicuas, Seleiros, Atanados Cromados
Exportador de Couros Verdes
FILIAL EM ALGÉS (Lisboa)

PREFIRA SEMPRE
A CERVEJA
SAGRES

Robbialac
TINTAS para todos os fins e aplicações
Agentes distribuidores no Distrito
Júlio Dutra de Andrade & Macedo, Lda.

V. Ex.ª aprecia vinhos de mesa?
Dê a sua preferência aos
VINHOS
Camilo Alves
São os melhores
À venda nas casas da especialidade
Agente no Distrito
J. C. SOARES
TEL. 213

Na Secção de Papelaria da Firma
MANUEL ALEXANDRE DA SILVA, (Herdeiros)
Rua Walter Bensaúde, 10

Encontrará todo o material da especialidade, bem como louças finas, brinquedos, etc.

Não esqueça:
O «Café Volga»
É O
Café da
«MALTA»

-- Língua e Literatura Portuguesa --

1—Origem do Português

Quando se trata de conhecer a origem da Língua Portuguesa, diz-se simplesmente que é derivada do Latim. E', no entanto, elementar, para uma melhor averiguação do tronco em que se filia o nosso idioma, saber-se qual a origem do Latim e qual a evolução sofrida por esta língua até se formar o Português.

Em período bastante anterior ao desenvolvimento da História, a Europa foi invadida por povos cuja proveniência não está ainda totalmente esclarecida.

Como a superfície na posse dos Árias, assim se chamou esse grupo de povos, fosse demasiado extensa para entre eles se estabelecerem relações constantes, a língua por eles falada foi degenerando, para o que muito contribuiu a influência exercida pelos idiomas usados pelos indígenas das terras por eles ocupadas. Assim, a língua que dantes constituia um ramo único, a que modernamente se chamou Indo-Europeu, dividiu-se em vários grupos. De um desses grupos, o Itálico, fazia parte o Latim que não era uma língua mais desenvolvida do que as outras. A princípio, era falada no Lácio, pequena comunidade da Península Itálica.

Os habitantes do Lácio, donde a designação de Latinos, dedicavam-se à agricultura e à guerra de conquista, sem pensarem em cultivar as suas faculdades intelectuais. Por isso, o Latim não era então grafado. Começou a ser escrito ai pelo Séc. III A. C. por Livio Andrónico que, a partir do rude idioma falado pelo povo, conseguiu formar uma língua literária. Esta língua, a que se chamou Latim clássico, foi-se desenvolvendo e atingiu o auge da perfeição com os escritos de Cicero, de César e de outros. E' este o Latim que actualmente se estuda nos Liceus, Seminários e Unisersidades e muitas pessoas cultas estão aptas a falá-lo e até existem algumas publicações nesta língua, como, por exemplo, um jornal editado pela Universidade de Oxford, na Inglaterra.

Com o passar dos tempos o Latim literário foi decaindo, por ter sofrido infuências do Latim vulgar e ter sido modificado o estilo, e nos Séculos III, IV e V já era algo inferior ao usado pelos grandes escritores do início do Império. Continuou, no entanto, a ser a língua literária e científica da Europa, com os nomes de Baixo Latim até ao Séc. XIV e Latim até ao Séc. XIX, época em que deixou de ser utilizado.

A par do Latim clássico, escrito e falado pelas classes cultas, aparece o Latim vulgar, falado pelo povo em geral, que foi dividido em Latim vulgar do período áureo (A. C. e Séc. I D. C.) e Latim vulgar tardio (a partir do Séc. II e até aos Séculos IV e V). E' esta a língua que, levada pelo soldado e pelo administrador enviados por Roma com o fim de romanizar as terras conquistadas, se espalhou por quase toda a Europa e parte da Africa. Com a expansão, as diferenças regionais vão-se acentuando e o Latim costuma denominar-se Pré-românico.

No Séc. IX aparece o primeiro documento escrito numa língua românica. Nesta altura já não se fala o Latim vulgar. Em seu lugar, surgem idiomas regionais conhecidos por *Romanso* ou *Romance*. Há, assim, tantos romansos quantas as línguas românicas a que deram origem: os Romansos Português, Francês, Italiano, Provencal, etc.

O Romanso Português continuou a diferenciar-se até que, em 1192, é escrito o primeiro documento, que se conhece, em Português. E' o célebre «Auto de Partilhas do Mosteiro de Vairão»

O Português, apesar de descender do Latim, possui no seu léxico muitas palavras de outras origens (ibérica, fenícia, celta, grega, árabe, alemã, chinesa, etc.).

Uma outra modalidade de Latim é o chamado Latim bárbaro, que é uma mistura de Latim clássico e vulgar com as línguas regionais. E' uma língua bastante rudimentar e nunca foi falada. Foi, todavia, a língua oficial das chancelarias europeias. Em Portugal deixou de ser usado nas Secretarias de Estado quando D. Dinis oficializou o Português.

Vemos assim que a Língua da nossa Pátria provém do Latim, mas convém especificar que se trata do vulgar e não do clássico.

José Alves Aica

«A Mocidade Portuguesa é sobretudo alma — um espírito que se vive, uma maneira de ser juvenil, uma mentalidade e um estilo».

O LICEU

(Pequena Redacção)

O nosso liceu fica na Horta.

Gosto muito dele porque lá brinco muito com as minhas colegas. Depois das aulas, lá brincamos todos os dias num belo jardim com flores de várias cores.

Também há rapazes no Liceu e para eles brincarem tem dois pátios e um campo desportivo, onde jogam ao futebol e ainda outros jogos.

Temos muitos professores, e gosto muito deles.

Quando entro no recinto do Liceu, costumo conversar com as minhas amigas antes das aulas.

Todos os dias nos intervalos brincamos ao ringue.

Temos no nosso liceu um ginásio, onde muitas vezes se realizam espectáculos. No último que vimos, cantou uma menina de treze anos que é uma das minhas amigas, e que tem uma voz muito linda. Cantaram também outras alunas.

Eu estimo muito o Liceu, porque é aqui que me ensinam conhecimentos bons para a minha vida de amanhã.

Maria Cecilia M. F. Rodrigues
1.º Ano-A

Compre, leia e divulgue o ARAUTO

Auxilia os teus colegas
comprando o teu material na

CANTINA DA M. P.

Um soneto de Angelo de Lima

Sobre este poeta da geração do Orfeu *publica o último número da revista* Atlântida *(Angra do Heroísmo, Julho -Outubro de 1961) um trabalho da autoria do notável poeta e crítico Ruy Galvão de Carvalho, intitulado «Nota breve sobre os poemas de Ângelo de Lima». Nesse trabalho se cita o soneto que abaixo transcrevemos, do qual o conhecido escritor açoriano faz com justiça a seguinte apreciação: — ...«Um dos mais originais (sonetos) da Literatura portuguesa». E acrescenta: — «Bastou um soneto para imortalizar Arvers;... este, que não lhe fica atrás, de Ângelo de Lima bem merecia ter igual sorte».*

Pára-me de repente o pensamento
Como que de repente refreado
Na doida correria em que levado
Ia em busca da paz, do esquecimento...

Pára, surpreso, escrutador, atento,
Como pára um cavalo alucinado
Ante um abismo súbito rasgado...
Pára e fica e demora-se um momento...

Pára e fica na doida correria...
Pára à beira do abismo e se demora,
E mergulha na noite escura e fria.

Um olhar de aço que essa noite explora...
Mas a espora da Dor seu flanco estria,
E ele galga e prossegue sob a espora.

O CINEMA

Conclusão da pág. 3

cemos o que vimos, ao passo que, com um bom filme, além de nos distrairmos, podemos quase sempre tirar uma conclusão ou uma lição, que nos pode ser aproveitável para toda a vida.

Tendo sido inventado em 1895 pelos irmãos Lumiére, cinco anos após a sua descoberta, o cinema aventurava-se no plano das representações teatrais, tendo sido realizadas desde então verdadeiras obras-primas cinematográficas, como biografias de homens célebres, reconstituições de importantes factos históricos, etc., que têm alcançado êxitos retumbantes.

Sob o aspecto científico, o cinema tem auxiliado imenso muitos trabalhos e pesquisas, quer nos laboratórios, onde são instaladas minúsculas máquinas de filmar, que conseguem fixar os mais pequenos corpos, quer nos estudos espaciais, onde esta útil invenção tem prestado inestimáveis serviços.

O cinema, como se vê, tem muitas aplicações, mas a mais notável é no campo da educação. Em alguns estabelecimentos de ensino, experimentou-se dar algumas sessões relativas a uma determinada disciplina, e obtiveram-se resultados bastante satisfatórios, porque, mesmo sem querer, o aluno vai-se interessando pela projecção e fixa a lição.

Contando já mais de seis décadas de existência, o cinema continua a ser um dos melhores meios de instrução e, ao mesmo tempo, um magnífico passatempo, como disse atrás.

Conclua-se, portanto, que o cinema é uma das mais úteis invenções do homem, e de tal envergadura tem sido o seu aperfeiçoamento que os homens não hesitaram em emparceirá-lo com as grandes artes, apelidando-a de sétima.

Carlos Manuel Fraião

«Beleza na exteriorização, sim, mas que as aparências externas sejam sempre, o mais possível, a simples expressão de uma realidade interior»

Da «Agenda da M. P.»

Apontamento sobre a evolução literária de Camilo

Camilo Castelo Branco, um nome de grande relevo da nossa literatura, apresenta a sua obra dividida em três fases bem características: na primeira, iniciada em 1845 com a publicação de «Os Pundonores Desagravados», nota-se uma certa hesitação, tanto relativamente à escolha do género literário como à formação do estilo. No entanto compôs em maior escala poemas líricos e satíricos, críticas, panfletos políticos, etc.. Incluem-se nesta fase o «Juízo Final», «A Murraça», «Inspirações», «O Caleche», etc.. Contudo, já as últimas obras desta fase são mais perfeitas, anunciando assim uma época prometedora para o fecundo escritor.

E esta na realidade não se faz esperar, e entra com a estreia da novela romântica; é neste período que aparecem as obras mais conhecidas de Camilo, como por exemplo «A Queda dum Anjo», «Amor de Perdição», «O Bem e o Mal», e muitas outras que pelo seu número quase ilimitado se tornam impossíveis de enumerar.

E' por esta altura, cerca de 1870, que aparece uma nova corrente literária — — o Realismo. A primeira reacção de Camilo foi de ridicularizar e troçar o recente movimento, e, consegue fazê-lo no romance «Eusébio Macário» continuado em «A Corja» e em «Vulcões de Lama»; o próprio título é imitação voluntária do romance de Zola «Rougon Macquart».

Todavia a influência da nova corrente vai-se manifestando a pouco e pouco e consegue triunfar com «A Brasileira de Prazins», romance típicamente realista e escrito sem intenção caricatural. E, como aliás já foi expresso, termina a evolução da obra camiliana no regaço do Realismo.

Maria de Fátima de Freitas Baptista

DESPORTOS

Estão em preparação os campeonatos das várias modalidades desportivas praticadas pelos filiados do Centro Escolar n.º 1 da M. P..

Quando este número do «Arauto» for publicado já deve estar concluído o Torneio de Atletismo. No próximo jornal, publicaremos uma completa reportagem àcerca das provas disputadas. Para já, informamos que fazem parte do Torneio as seguintes provas: 80^{m}, 300^{m}, 800^{m}, 1000^{m}, estafetas 4×80 e 4×1000, salto em altura, comprimento e triplo, lançamento de peso, disco e dardo. Concorrem equipas do 2.º e 3.º Ciclo e Magistério.

Nos campeonatos de Andebol, Basquetebol e Futebol de Salão teremos a presença de seis conjuntos: 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º Ano e Magistério.

São assim os Estudantes

Conclusão da pág. 10

Paraquedista

Numa das últimas breves entrevistas realizadas pela nossa brigada de reportagem, uma sextanista declarou-nos desejar ir para paraquedista da Força Aérea Portuguesa, para poder acompanhar de perto as manobras do seu rapaz. E' que ele vai para a vida militar e o amor é tanto, que ela também o acompanha, mas mais alto.

Corrigida

Encontra-se um pouco restabelecida da *escandalomania*, que a afectava, a célebre «loira incorrigível», como lhe chamámos o ano passado. Não a temos apanhado em flagrante, o que prova de duas, uma: ou vai para fora da cidade, ou está melhorzinha. Ainda bem, e oxalá que alcance o completo restabelecimento.

«Cor é vida»...

...é a divisa que parece terem adoptado algumas meninas deste Liceu. Certamente, a vinda à Horta da embaixada da Robbialac Portuguesa foi a causa de tanta loirinha, que por aí anda. Em tempos apareceu a gripe asiática, agora parece ter começado a autêntica « febre loira».

Ultima hora

Por notícias recebidas, quando o nosso jornal já estava entregue aos serviços tipográficos, sabemos que o F...ã. arranjou uma miúda que, temos de dizê-lo, é muito pequena para ele. Mas, nem as mulheres se medem aos palmos e, por isso, aqui tem os nossos parabéns.

A Juventude, a Cidade e o Campo

Conclusão da pág. 2

ciona o Maior dos Artistas que nos criou, que nos deu faculdades intelectuais para os nossos grandes êxitos? Desse grande Criador poucos se lembram e muitos não o querem conhecer.

Abeiremo-nos da vida simples do campo que será a única que nos dará a paz e o sossego ambicionado.

Para isso os responsáveis pela educação dos jovens proporcionam em toda a parte visitas de estudo ao campo, com o intuito de lhes despertar interesse pela vida sadia que se desprende da Natureza. São de louvar esses esforços que amenizarão a vida e os porão em contacto com a expressão viva de poder divino, os tornarão menos cépticos, pacíficos e lhes darão vida ao corpo e à alma. As nossas almas doentes necessitam dum lenitivo que podem encontrar no ar campestre e na tranquilidade da Natureza. Em todos os tempos os homens se esforçaram por estudá-la e senti-la, para aspirar à candura e paz que dela se eleva. E, na nossa literatura abundam os poetas que admiràvelmente a cantaram como Bernardim Ribeiro e Rodrigues Lobo nas suas Éclogas. Camões, nos seus inspirados poemas, exprime tão admiràvelmente o sentimento da natureza como todos os críticos observam, nomeadamente Humboldt no seu «Bosmos».

Cesário Verde amou também a Natureza e dela o que mais o impressionou foi a luz, a claridade e a beleza das paisagens; na sua obra deixou transparecer este seu avassalador amor à sua grandiosidade.

Não vamos continuar as referências neste sentido. Para terminar, lembremos o entranhado amor à terra e ao campo que Eça de Queiroz, com a sua fina arte de esteta consumado, revela na extraordinária obra «A CIDADE E AS SERRAS», que, hoje como ontem e sempre, será para os homens uma grande lição.

Maria Raquel Cardoso de Campos

NO INICIO DO ANO 5.º

Conclusão da pág. 1

mos com a vossa colaboração.

Embora este Jornal seja dos Estudantes liceais, não queremos deixar de convidar os nossos colegas da Escola do Magistério Primário, a apresentarem colaboração.

Os seus artigos, que, tantas vezes, honraram as páginas do «Arauto» e que nos últimos tempos, por falta de espaço, deixaram de aparecer, foram e serão sempre benvindos. Ficamos confiantes na sua ajuda e amizade.

Este ano estamos a lançar uma campanha para obtermos maior número de assinaturas e pedimos aos que compram o nosso Jornal o favor de não demorarem o seu pagamento para que tudo se resolva o mais depressa possível, pois que os rapazes mais directamente ligados ao «Arauto» são todos Estudantes e, por isso, o tempo de que dispõem para consagrar ao vosso Jornal, é limitado.

E oxalá que daqui a um ano possamos encarar o futuro do Jornal da Mocidade com o mesmo optimismo com que hoje o fazemos.

Do Nosso Liceu

Novos professores

Além dos professores do ano passado estão a leccionar este ano no nosso liceu os seguintes Professores:

Dr. Augusto José Guerra, que já há mais anos aqui leccionou, Dr. João Ribeiro Lisboa, Dr. José Silveira Pinheiro, Dr.ª D. Maria Ermelinda Limpo de Faria, que também já em anos anteriores aqui prestou serviço.

Médico Escolar

Está a exercer as funções de Médico Escolar o Dr. Ângelo Ançã que tem estado a especializar-se nos Estados Unidos e Canadá.

Incompreensões

Conclusão da pág. 1

esforço, é quase imperdoável, pelo que representa de desinteresse e, digamos até, falta de consideração para com o colega (muitas vezes amigo) que o escreveu.

Há um outro ponto em que queremos insistir, e esse é a «questão das assinaturas». Como *todos* sabem, nem todos compram o «Arauto» e... qual a causa, não nos importa saber. O preço, acessível a qualquer pessoa, não pode constituir obstáculo, salvo raríssimas excepções. Se, em vez de ler o jornal do companheiro, maior número de Estudantes o assinasse, quantas assinaturas mais não se obteriam? Partindo do princípio que a Mocidade Portuguesa tenha de dar dinheiro para cobrir o *déficit* do jornal, a verba que se poupava, se uma maioria de estudantes o assinasse, teria outras aplicações, boas para todos: livros para os mais necessitados, maior facilidade de excursões de estudo e tanta outra coisa. Esperamos que haja boa vontade em afastar mais esta *incompreensão*.

-- São assim os Estudantes --

CINE AR LIVRE

Todos os dias

Apresentação de mais um filme da série
John (ele), Mary (ela)

Súbida Ingreme

(DABNEYS' STREET)

Nos complementos, o documentário que está a ser visto com muito agrado «Ela sai sempre acompanhada»

Mais um personagem!

Uma nossa colega acaba de arranjar um novo personagem para o livro que começou a publicar, há já alguns anos, intitulado «A.... e o seu D. Juan».

Não sabemos se é mais uma das suas habilidades publicitárias, confessamos não poder informar com precisão os nossos leitores. O que é certo, é que a nossa colega já ultrapassou, com este novo individuo, a simples publicidade que tem girado à volta do seu romance, e começa a impôr-se aos grandes circulos literários. Façam já a encomenda do livro, pois prevê-se grande venda!

Na corda bamba

O P. L. tem andado com pouca sorte, ùltimamente.

Depois de um itinerário deveras complicado (Magistério, S. Miguel, etc.), o infeliz rapaz tentou, mais uma vez, mas pouco ou nada arranjou. E' pena uma situação destas, mas não podemos fazer bem nenhum, pois não somos artistas de circo e o P. L. anda na corda bamba.

Espionagem no Magistério

Segundo fontes bem informadas, o J..., mais conhecido por Seminário, resolveu dar a volta à ilha. Depois de Flamengos, Cedros e Castelo Branco, parece que já passou pelo Pasteleiro e encaminha-se para a Horta.

Este é um daqueles que gostam de variar e *triunfar*

Com a participação do Magistério no Torneio de Atletismo da M. P., revelaram-se grandes nomes nesta modalidade.

Por exemplo, o G. que deu um salto no Faial. e só foi parar em S. João do Pico. Grande recorde.

Se não nos falha a memória, durante as férias grandes, o sr. A. quis preparar o seu futuro de uma maneira conveniente. Dois ordenados e uma Fátima, habitante do Rio de Janeiro...

Aconselhamos as «Sias Professoras» a não tentarem conquistar os colegas, pois alguns já são casados e os restantes são quase todos «casados», isto é, «engatados».

Um pouco melhor!

Dissemos um pouco, mas enganáva-mo-nos, pois devemos dizer muito melhor. Na verdade, depois da ida ao continente, o septanista M. N. veio quase curado das doenças que o afectavam. Não sabemos se foi por sentir de perto a derrota do Benfica ou se, realmente, os ares da Metrópole são muito bons para ele e... outros.

N. R. —Esta piada ao M. N. é um teste: se ele não refilar está curado, caso contrário, está na mesma e com tendência a piorar.

Devagar, mas vai...

Fomos, um destes dias, surpreendidos por um par no Largo do Infante. Já nos parecia que eles se conheciam há uns dois anos, talvez. Começaram muito cedo e ainda agora, apresentam nitidos traços de timidez. Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Agora, para concluir, resta-nos dizer que o nome dele começa por um A..... F....

Até que enfim!

E nós que pensávamos que o senhor J. H. do 7.º ano era uma pessoa séria, que não estava para brincadeira. Pois o engano foi total: o senhor J. H. já se estreou ali para os lados do Magistério. Não nos é possível dar uma noticia mais circunstanciada, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Na aula do 2.º Ano-A

O professor pergunta a uma aluna que se encontrava distraída, depois de explicada a lição:

—O que é que eu expliquei?

Ela não respondeu.

O professor pergunta de novo:

—Onde é que tens estado?

Resposta pronta da aluna:

—No Continente...

Para o mal, o remédio!

Eles moram tão próximos um do outro, que não puderam furtar-se à tentação de se «engatarem». Certo dia, ele, o sr. L., sentiu-se muito mal disposto e foi ao lado à consulta. O médico tranquilizou-o e disse-lhe que era um simples mal de coração, pelo que ele foi à farmácia (também ao lado) e anda a tomar o remédio.

«Bigamia»

O R. do 6.º Ano resolveu ir até à Terceira e lá não quis estar inactivo e, com a ajuda de um intermediário, arranjou outro «engate». Toma cautela porque, se a de cá sabe do *negócio*, não sei como te desembaraças.

SEDE?

Mesmo sem querer, soubemos que uma menina de cá, que também se encontrava a passar as férias na «Ilha das Touradas» tinha arranjado um...

Pelos vistos, ele devia estar com muita sede pois que foi beber água à *fonte (s)*.

Sempre vai melhor

Ao que parece, este ano o J... H. resolveu levar as coisas mais a sério do que o ano passado. Ela, quando não o vê, anda mesmo tão saudosa, que ficamos com pena. Segundo notícias não confirmadas, ele quer ir residir para a Madalena do Pico e está a fazer diligência para isso.

Romance complicado

Ela é do 6.º ano e ele já não anda cá dentro. Passeiam juntos, às vezes parece que dançam o *Rock* nas ruas e fazem, em conjunto, uma série de mudanças piores que as de um camião. Já sabem quem são, caros leitores?

Conclui na pág. 9